

# Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

---

## O COMÉRCIO INFORMAL DE PELOTAS: CARACTERÍSTICAS E CONTRADIÇÕES NO CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE

*Rosane Balsan, Vanda Ueda*

*Boletim Gaúcho de Geografia, 23: 71 - 80, março, 1998.*

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38382>

---

Publicado por

## Associação dos Geógrafos Brasileiros

---



## Portal de Periódicos UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

---

### Informações Adicionais

**Email:** [portoalegre@agb.org.br](mailto:portoalegre@agb.org.br)

**Políticas:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

**Submissão:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

**Diretrizes:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

---

Data de publicação - março, 1998

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

# O COMÉRCIO INFORMAL DE PELOTAS: CARACTERÍSTICAS E CONTRADIÇÕES NO CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE<sup>1</sup>

*Rosane Balsan  
Vanda Ueda \**

## UMA BREVE INTRODUÇÃO

O chamado comércio informal apresenta-se hoje como um dos setores econômicos mais polêmicos. Com a globalização da economia em nível mundial observamos um crescimento do comércio informal em todas as cidades, pois as mercadorias produzidas em diferentes partes do mundo podem ser adquiridas em qualquer “banca de camelôs” do país. Eles vendem desde relógios “suíços”, bichinhos de pelúcia fabricados em Hong Kong, “Nikes” produzidos na Indonésia, ferramentas de Taiwan, baldes, cigarros “importados” e largo leque de “produtos importados”, gerando uma fortuna estimada (é possível discutir este número) para o Brasil em mais de 200 bilhões de dólares por ano (VEJA, 1995:92). Pelotas não foge à regra e também está na “era da informalidade”.

Lembramos que nas últimas décadas do século passado, no sul do Rio Grande do Sul, uma aristocracia enriquecida com as exportações de charque construiu uma bela e ostentosa cidade, símbolo do seu poder e de sua riqueza. Pelotas foi reconhecida em todo o país como “A Princesa do Sul” e ainda guarda na paisagem urbana da sua área central inúmeros prédios que compõem a memória daqueles tempos áureos e gloriosos.

Passado um século, o mundo mudou, a economia da cidade mudou. Refletindo as amplas mudanças econômicas e sociais que vivemos, que levam ao acirramento das desigualdades sociais e à elevação do desemprego estrutural na economia, Pelotas observa um grande crescimento do comércio informal. Na cidade, este comércio está instalado justamente no seu centro histórico junto aos prédios monumentais. O “camelódromo” (uma expressão que já é de uso nacional para designar os espaços da economia informal) de Pelotas localiza-se junto ao Mercado Central. Este prédio foi construído em 1847, em estilo neoclás-

---

<sup>1</sup> O trabalho consiste no resultado de uma pesquisa apresentada no V Congresso de Iniciação Científica FURG/UCPel/UFPel em novembro de 1996. A continuidade da pesquisa incorporou novas questões que vêm sendo trabalhadas e posteriormente serão apresentadas.

sico (o estilo arquitetônico predominante em Pelotas), sendo atualmente um marco histórico e referencial simbólico para a população pelotense.

O desenvolvimento do comércio informal em Pelotas, além das polêmicas tradicionais travadas com os comerciantes “formais”, inclui a discussão sobre as transformações do espaço urbano e os conflitos entre o patrimônio histórico e o uso do centro da cidade pelos “informais”. Buscando superar a “*escassez de estudos concretos que procurem analisar suas diferentes manifestações e seus efeitos espaciais*” (SCHÄFFER, 1993:22) e tentando compreender a gênese, o crescimento e o desenvolvimento desta atividade em Pelotas, é que realizamos essa pesquisa.

### **A METODOLOGIA DA PESQUISA**

A pesquisa foi desenvolvida tendo como característica básica a pesquisa direta (entrevista com os camelôs), contendo perguntas com respostas semi-estruturadas (abertas e fechadas). Para entendermos melhor os conflitos e relações entre os camelôs e os órgãos públicos realizamos uma entrevista com o Secretário da Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Urbanismo (SMUMA)<sup>2</sup>. Outro órgão importante no levantamento de dados foi o sindicato dos “camelôs” da cidade que forneceu alguns dados para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Em seguida definimos a área de pesquisa (o entorno do Mercado Central – onde os camelôs estão concentrados) e passamos para a fase das entrevistas, já elaboradas previamente. Neste momento, os “camelôs” foram receptivos às entrevistas, pois assim como os órgãos públicos e a sociedade em geral, querem resolver o problema do local onde estão estabelecidos. A etapa mais demorada foi a transcrição e tabulação dos dados para a realização de gráficos estatísticos que foram analisados.

De acordo com a Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente (SMUMA), os “camelôs” perfazem um total de duzentos e setenta e oito pessoas. Para melhor compreensão da sua organização, utilizamos uma amostragem de sessenta (60) “camelôs”. Trabalhamos com esse número pois o nosso interesse era o entorno do Mercado Central, no qual os camelôs se localizam nas seguintes ruas: Quinze de Novembro, Andrade Neves e Lobo da Costa (Ver figura 1).

### **OS TRABALHADORES DO COMÉRCIO INFORMAL DE PELOTAS**

Antes de iniciarmos a discussão dos dados obtidos precisamos observar que o aumento da economia informal é um fenômeno mundial. Vem acompanhando as mudanças políticas e econômicas que DAVID HARVEY (1992) chama de passagem para a economia de acumulação flexível. Os “camelôs” já deixa-

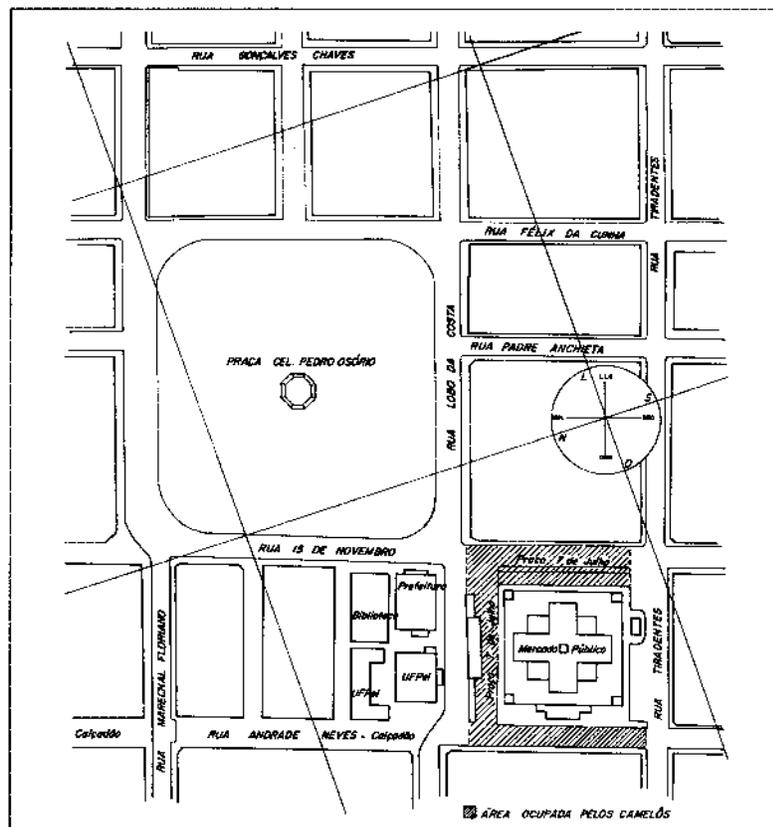
---

<sup>2</sup> Órgão responsável pelo cadastramento e distribuição dos locais das bancas dos camelôs.

ram de ser vendedores ambulantes, eles estão fixos em certos espaços, nesse caso em pontos urbanos. A economia informal deixou de caracterizar apenas as grandes cidades dos países subdesenvolvidos, como caracterizou MILTON SANTOS em trabalho clássico (O ESPAÇO DIVIDIDO, 1979). Hoje, esta atividade econômica está presente em todos os países e em praticamente todas as cidades, independentemente do tamanho ou das funções que exercem, pois podemos concordar com HARVEY (1992:145) considerando que

*(...) o rápido crescimento de economias 'negras', 'informais' ou 'subterrâneas' tem sido documentado em todo o mundo capitalista avançado, levando alguns a detectar uma crescente convergência entre sistemas de trabalho 'terceirmundistas' e capitalistas avançados.*

**FIGURA 1 - MAPA DO ENTORNO DO MERCADO  
O COMÉRCIO "INFORMAL" DE PELOTAS**



FONTE: LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAMÉTRICO - 1982; PMP/SMUMA.

É desta forma, portanto, que hoje em dia a economia informal está presente nos mais variados espaços e apresenta consumidores de diversos matizes sociais e de estratos de renda.

A economia informal tem representado um ramo de negócios que possibilita tanto “o surgimento de novas estratégias de sobrevivência para desempregados”, como a oportunidade de ascensão social a partir de um empreendimento próprio. Neste sentido, dissemina-se uma ideologia de liberdade para o trabalho.

De acordo com nossa pesquisa (QUADRO 1), a maioria dos camelôs entrevistados são proprietários de suas bancas, sendo um pequeno percentual empregado.

**QUADRO 1 - SITUAÇÃO DE TRABALHO DOS CAMELÔS**

SITUAÇÃO DE TRABALHO	NÚMERO
Camelô proprietário	52
Camelô empregado	08
Total	60

FONTE: PESQUISA DIRETA - 1996

Na situação de trabalho, percebeu-se que a maior parte dos proprietários são únicos, ou seja, são trabalhadores autônomos.

Já os funcionários ou “ajudantes” (termo empregado pelos camelôs) que trabalham nas bancas geralmente possuem algum grau de parentesco e sua remuneração é variável, apresentando diversas formas: salário mensal, comissões sobre as vendas e outras. Deflagra-se então a situação de que na economia informal existe uma ligação empregatícia não-legalizada, porém este é um aspecto característico da flexibilização das relações de trabalho: o desenvolvimento de relações baseadas no trabalho familiar, patriarcal ou doméstico (HARVEY, 1992). O número de trabalhadores por banca, em geral, não ultrapassa a dois. Tal fato ocorre porque encontramos um grande número de bancas onde a família (em muitos casos a mãe) é totalmente responsável pelo funcionamento das mesmas (sem a presença de empregados). Percebemos, então, que o limite de pessoas trabalhando na banca está diretamente relacionado com o tamanho e a composição da família (filhos disponíveis para a jornada de trabalho).<sup>3</sup>

Os números do desemprego têm gerado uma série de discussões na cidade. Para alguns economistas locais,

*(...) a extinção de postos de trabalho, principalmente na indústria, é um dos principais problemas e o setor de serviços, embora venha gerando novos em-*

<sup>3</sup> A maioria dos entrevistados é formada por pessoas casadas. 60% possuem até três filhos, com idade média predominante entre 15 e 20 anos.

*pregos, não é o suficiente para reocupar os que perderam os empregos e os que entraram no mercado de trabalho.*<sup>4</sup>

Os motivos que levam as pessoas a optarem pelo trabalho de camelô são bem diversificados, como podemos observar no QUADRO II. A causa mais citada nas entrevistas foi a falta de empregos formais.

Pelotas vem sofrendo nos últimos anos um processo de desemprego que é reflexo de uma crise econômica, social e política. A cidade situa-se na chamada “Metade Sul” do Estado, região que vem sofrendo há mais de uma década a desindustrialização e a estagnação da agricultura comercial, cujo principal produto é o arroz. Estas duas atividades, juntamente com o setor público, eram as principais fontes de postos de trabalho no município.

A precariedade do emprego assalariado nos anos 80 (com o fechamento de importantes fábricas do setor agroindustrial) repercutiu em todos os setores da economia da cidade e provocou, nos anos 90, o aumento do emprego informal, os chamados “camelôs”, o “comércio informal”, os “vendedores ambulantes”, o “trabalho por conta própria” e outros.

**QUADRO II – MOTIVOS PARA INGRESSAR NO SETOR INFORMAL**

MOTIVO PARA INGRESSAR NO SETOR	NÚMERO
Não precisa de qualificação para trabalhar	02
Falta de emprego	31
Idade	02
Queria ser autônomo	05
Por problemas de saúde	02
Facilidades de entrar no negócio	03
Para aumentar a renda	14
Para concluir os estudos	01
Total	60

FONTE: PESQUISA DIRETA – 1996

Quanto ao tempo de trabalho na atividade, descobrimos que existem pessoas que trabalham como camelôs há mais de 21 anos, ou seja, praticamente todo o seu tempo de trabalho. Mas, pelas entrevistas podemos perceber que a partir de 1992 (portanto, nos últimos cinco anos), o número de trabalhadores informais

<sup>4</sup> No jornal Diário Popular, de Pelotas, outubro de 1996.

no centro de Pelotas vem crescendo de forma desordenada e, por que não, assustadora. Entendemos que esta situação coincide com a "crise econômica, social e política" a que havíamos nos referido anteriormente. Observemos o QUADRO III:

**QUADRO III – TEMPO DE TRABALHO COMO CAMELÔ**

<b>TEMPO DE TRABALHO COMO CAMELÔ</b>	<b>NÚMERO</b>
até 1 ano	11
2 a 5 anos	21
6 a 10 anos	15
11 a 15 anos	09
16 a 20 anos	03
acima de 21 anos	01
<b>Total</b>	<b>60</b>

FONTE: PESQUISA DIRETA – 1996

Neste sentido, a análise da organização espacial do comércio informal passa pelo surgimento dos primeiros vendedores ambulantes que receberam autorização do poder público municipal para se localizarem no entorno do Mercado Central. Esta se deu, segundo a Secretaria Municipal de Urbanismo, em abril de 1993. Foram vinte e nove bancas na rua Quinze de Novembro.<sup>5</sup> Hoje esta área se apresenta sem espaço disponível para novas bancas. Também é importante salientar que anteriormente já havia sido tentada uma outra localização no centro da cidade, em torno da praça Coronel Pedro Osório. Os problemas gerados por esta localização (principalmente quanto ao trânsito e estacionamento de veículos) levou à transferência para "a volta do Mercado".

A situação ocupacional dos trabalhadores, antes de vincular-se ao comércio informal, mostra que uma parcela significativa trabalhou em diversos setores da economia formal (QUADRO IV). Porém é preciso levar em consideração que muitos "camelôs" integram-se à atividade de economia informal por opção ou para aumentar a renda familiar e não como consequência direta do desemprego.

Observamos a distribuição dos camelôs que anteriormente trabalharam como comerciários e industriários. Alguns funcionários públicos estão na atividade informal como forma de aumentar a renda familiar, face a baixa remuneração atual.

<sup>5</sup> Estes camelôs são os mais antigos desta área, são bastante organizados, com um sistema de segurança próprio, bancas padronizadas e comercializam sobretudo (segundo os mesmos) artesanato em couro, madeira, vidro, tecidos e lã.

**QUADRO IV - ATIVIDADE ANTERIOR**

<b>ATIVIDADE ANTERIOR</b>	<b>NÚMERO</b>
Comerciário	11
Estudante	07
Dona de casa	06
Agricultor	02
Funcionário público	05
Doméstica	03
Industriário	04
Artista	02
Serviços diversos	13
Não trabalhava	07
<b>Total</b>	<b>60</b>

FONTE: PESQUISA DIRETA - 1996.

Esta situação pode ser vislumbrada ainda no quadro da escolaridade, onde percebemos que muitos camelôs "pelotenses" possuem um nível de escolaridade considerado bom. É uma característica peculiar, de desenvolvimento da atividade informal em uma cidade universitária e com uma excelente oferta de ensino técnico de nível médio. Porém, observamos que este potencial de qualificação da força de trabalho, tem se colocado além da capacidade da economia da cidade.

**QUADRO V - ESCOLARIDADE DOS CAMELÔS**

<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>NÚMERO</b>
1º grau incompleto	26
1º grau completo	04
2º grau incompleto	10
2º grau completo	14
3º grau incompleto	03
3º grau completo	01
Analfabetos	02
<b>Total</b>	<b>60</b>

FONTE: PESQUISA DIRETA - 1996.

Ao contrário da impressão dominante, o trabalhador informal não é desqualificado e não tem um baixo grau de conhecimento da realidade. Um dado surpreendente foi a presença de pessoas que entraram na economia informal por necessidade, tendo em vista obter recursos para terminar os estudos.

A jornada de trabalho dos camelôs estudados apresenta-se bastante variável, ultrapassando freqüentemente 8 horas. Há uma jornada média, em geral entre 11 e 12 horas diárias, que depende de fatores climáticos e naturais, como a luminosidade e as condições atmosféricas do dia. Este é um dado bastante interessante, pois temos a presença do tempo influenciando uma atividade econômica eminentemente urbana. Percebe-se, portanto, que a informalidade leva a observar regras bastante diversificadas para determinar o horário de trabalho.

Um tema polêmico para a categoria refere-se à fiscalização da polícia e da receita federais. Os camelôs pelotenses desejariam que sua atividade fosse legalizada, implantando um sistema em comum acordo com a Prefeitura Municipal, para que segundo a fala dos mesmos “*pudessem trabalhar sem ter preocupações*”. Aqui percebe-se que entram em jogo uma série de fatores políticos e burocráticos para realização desse projeto.

A procedência da mercadoria é diversificada, liderada (57%) pelo Paraguai (Ciudad del Este) e em seguida São Paulo (23%). Constatou-se que existe também a venda de mercadorias locais (7%) e artesanais, embora não possamos fazer generalizações quanto às bancas onde estas são vendidas.

Procurou-se também conhecer a procedência dos camelôs de Pelotas. Uma das teses correntes nas teorias da marginalidade urbana, é de que os recém chegados do campo não conseguem se adaptar à cidade, exercendo atividades tradicionais ou arcaicas no tecido urbano. Embora não concordemos com estas teses, já suficientemente discutidas na ciência urbana, percebeu-se que há um número significativo de camelôs que são migrantes. Quase um terço procede de cidades vizinhas (Capão do Leão, Canguçu, Rio Grande, São Lourenço do Sul). Também encontram-se pessoas que vieram de outras regiões do Rio Grande do Sul, havendo até mesmo oriundos de outros estados do Brasil e de outros países (Argentina e Uruguai). A maioria dos migrantes e imigrantes são procedentes das zonas urbanas de seus locais de origem.

Os camelôs distribuem-se, quanto ao lugar de moradia, por todos os bairros da cidade. Porém há um predomínio de alguns bairros. Respectivamente, o Fragata, o Centro e o Laranjal, que são bairros de formação mais antiga e com localizações geográficas (quanto às zonas da cidade) diferenciadas. Já entre os camelôs mais novos, encontramos moradores de bairros com surgimento mais recente, como o Getúlio Vargas (um grande loteamento popular).

### OS CONFLITOS NO CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE

Uma das questões mais polêmicas que levantamos em nosso trabalho, é a da relação entre os camelôs e o comércio formal, sobretudo os comerciantes do Mercado Central. Trata-se de um conflito intenso pelo uso da área mais valorizada da cidade.

Para MILTON SANTOS (1995:101) “*é, de fato, o mercado que autoriza a presença simultânea na cidade (...) de tantas formas de realização econômica*

*diferentes e até contrastantes*". Entretanto, esta simultaneidade gera o conflito que se dá entre atores sociais muito distintos. De um lado, os comerciantes "formais" do Mercado Central, instalados neste prédio público há vários anos e contribuintes de impostos e taxas para o poder público municipal.<sup>6</sup> De outro, os camelôs, com a informalidade, a flexibilidade e a agilidade tão necessárias nesta época de competição cada vez mais acirrada entre os agentes econômicos. Atualmente têm predominado neste conflito as ingerências particulares e corporativas, permanecendo a imobilidade de ambas as partes envolvidas e a pouca interferência do poder público, detentor dos instrumentos moderadores (o Plano Diretor e as Leis de Uso do Solo) e do poder arbitral na questão.

É importante salientar a fragmentação que ocorre entre a própria "categoria" dos trabalhadores informais, pois entre estes existem aqueles considerados "vendedores ambulantes" que não apresentam uma localização fixa no centro da cidade e ainda alguns vendedores que ocupam a área do "Calçadão" da rua Andrade Neves,<sup>7</sup> apresentando uma vantagem locacional em relação aos ocupantes do camelódromo.

Porém, muitos comerciantes do Mercado Central estabelecem relações comerciais com os próprios camelôs que se utilizam da infra-estrutura e das facilidades do prédio como auxiliares no seu dia de trabalho. Assim, mesmo que a atividade informal se apresente aparentemente como concorrente do comércio formal do Mercado, existe uma relação de complementaridade em muitas atividades (restaurantes, lancherias, depósito de mercadorias).

Estamos diante de mais um exemplo do embate entre o valor de uso e o valor de troca no espaço urbano, emblematizado no conflito de interesses públicos e interesses privados que está caracterizando a nossa sociedade atual, hegemônica pelas forças do mercado.

Enfim, procuramos apresentar um panorama do mercado informal, em que vem crescendo cada vez mais, não só aqui na cidade de Pelotas como em todo mundo. A crise econômica, a revolução tecnológica no mundo do trabalho e o crescente desemprego estrutural na economia capitalista faz com que as pessoas procurem uma solução para seu sustento e o da sua família. A redução das opções "formais" acaba por forçar a integração e o crescimento dessa massa populacional na economia informal.

Finalizando, concordamos com MICHEL ROCHEFORT (1996:128-129), quando sentencia: *"o circuito inferior não é um circuito parasitário, mas um circuito onde se fazem esforços desesperados para sobreviver, onde cumpre-se adaptar-se às condições dependentes da organização global da economia."*

---

<sup>6</sup> A relação entre os comerciantes do Mercado Central e os camelôs do seu entorno, está sendo a temática da segunda fase de nossa pesquisa. As considerações aqui colocadas são oriundas dos levantamentos e entrevistas preliminares realizadas pela estudante Rosane Balsan.

<sup>7</sup> Aqui encontram-se os vendedores de relógios, despertadores, guarda-chuvas, sombrinhas e cigarros.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ERTHAL, Rui. "O comércio informal em Niterói". ANAIS DO 4<sup>o</sup> CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS. São Paulo, julho/84, livro 2, vol. 1, pp. 180-186.
- HARVEY, David. *A Condição Pós-moderna (um estudo sobre a mudança cultural)*. São Paulo: Loyola, 1992.
- KALSING, Sirlene B. C. *Comércio ambulante em Pelotas – 1995 – um estudo de caso*. Pelotas: Instituto de Sociologia e Política/Universidade Federal de Pelotas, 1995 (monografia de conclusão de curso).
- LÓPES, Alvaro (coord.). "Vendedores callejeros en la avenida 18 de julio". ANAIS DO II ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA. Montevideo/Uruguay, março/89.
- MENDONÇA, Francisco de Assis et. all. "O comércio informal em Goiânia". ANAIS DO 4<sup>o</sup> CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS. São Paulo, julho/84, livro 2, vol. 1, pp. 167-179.
- ROCHFORT, Michel. "Milton Santos em Paris de 1968 a 1971: os dois circuitos da economia urbana nas cidades do Terceiro Mundo". In: SOUZA, M. A. (org.) *O Mundo do Cidadão. Um Cidadão do Mundo*. São Paulo: HUCITEC, 1996, pp.127-130.
- SANTOS, Milton. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países sub-desenvolvidos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo*. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- SCHÄFFER, Neiva Otero. "Resistência e acumulação na expansão do comércio de rua". ANAIS DO 3<sup>o</sup> SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA. Rio de Janeiro: UFRJ/IBGE, 1993, p. 220-221.
- SINGER, Paul. *Economia Política da Urbanização*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

---

\* Respectivamente, acadêmica do curso de Geografia da Universidade Federal de Pelotas, e Orientadora-Professora do Departamento de Geografia e Economia da UFPel.